

Paradigmas emergentes: um ensaio analítico¹

Emergent paradigms: an analytic essay

Los paradigmas emergentes: un ensayo analítico

Dulcian Medeiros de Azevedo^I, Lauriana Medeiros e Costa^I, José Jailson de Almeida Júnior^I, Bertha Cruz Enders^{II}, Rejane Maria Paiva de Menezes^{II}

RESUMO

A sociedade contemporânea vive uma transição epistemológica, na qual o paradigma da ciência moderna mostra-se superado. Vários paradigmas têm emergido desde a revolução ocorrida nas ciências naturais desencadeada pela física no século XX. Neste ensaio, analisamos as propostas de inovação dos paradigmas científicos face à crise paradigmática existente na ordem mundial, com base nas idéias de Capra e Santos. Através de uma abordagem retrospectiva, traçamos a linha histórica do surgimento dos paradigmas, permitindo-nos perceber que a maneira pela qual um cientista vê um aspecto específico de seu mundo será orientada pelo paradigma em que está trabalhando, consubstanciando-se em critério de julgamento da verdade e da realidade, exercendo impacto sobre todas as áreas práticas, incluindo a enfermagem. O paradigma emergente incorpora a complexidade e a racionalidade plural. Identificamos que as propostas de inovação nos paradigmas científicos, face à crise paradigmática, têm uma posição epistemológica antipositivista, pautada nas concepções de complexidade, holismo, interdisciplinaridade, resgate da subjetividade, valorização das questões ética e ecológica.

Palavras chave: Conhecimento; Teoria de Sistemas; Enfermagem Holística.

ABSTRACT

Contemporary society lives in an epistemologic transition in which the paradigm of modern science has been surpassed. Various paradigms emerged since the revolution within the natural sciences prompted by physics during the 20th century. Based on the ideas of Capra and Santos, in this essay we analyze the innovations proposed by the scientific paradigms that emerged as a result of the crisis in the new world order. Using a retrospective approach, we trace the historic emergence of these paradigms. This enabled us to see that the manner by which a scientist views a specific

world object is oriented by the paradigm in which he works and that this perspective then becomes a criteria for judging truth and reality; therefore impacting all practice areas, including nursing. We identified that the emergent paradigm includes the concepts of complexity and plural rationality and that the proposed innovations in the scientific paradigms have an antipositivist epistemologic position anchored on the concepts of complexity, holism, interdisciplinarity, the rescuing of subjectivity, valorization of ethical and ecologic questions.

Key words: Knowledge; Systems Theory; Holistic Nursing.

RESUMEN

La sociedad contemporánea vive una transición epistemológica en la qual el paradigma de la ciencia moderna se muestra traspasado. Varios paradigmas han emergido desde la revolución en las ciencias naturales que inició con la física en el seculo XX. Con base en las ideas de Capra y de Santos, analizamos en este ensayo, las innovaciones que los paradigmas científicos emergentes propusieron en respuesta a la crisis paradigmática de la nueva orden del mundo. En retrospectiva histórica, rastreamos la aparición de éstos paradigmas. Eso nos llevó a ver que el cientista percibe un objeto de su mundo según el paradigma con que trabaja y que esa perspectiva se convierte en criterio para juzgar la verdad y la realidad, así ejerciendo impacto en las practicas como la de enfermería. Nosotros identificamos que el paradigma emergente incluye los conceptos

¹ Ensaio construído a partir das discussões na Disciplina Análise Crítica da Prática em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PGENF-UFRN). Home-page: <http://www.pgenf.ufrn.br/>.

^I Enfermeiros. Mestrandos do PGENF-UFRN. E-mail: dulcianenf@hotmail.com.

^{II} Enfermeiros. Doutores em Enfermagem. Professores Departamento de Enfermagem e PGENF-UFRN. E-mail: bertha@ufrnet.br.

complejidad y racionalidad plural y que las innovaciones propuestas en los paradigmas científicos tienen una posición contra positivista basada en los conceptos de complejidad, holismo, interdisciplinaridad, el rescate del

subjetivismo y la valoración de las cuestiones éticas y ecológicas.

Palabras clave: Conocimiento; Teoría de Sistemas; Enfermería Holística.

INTRODUÇÃO

No momento histórico atual, neste início de século XXI, as certezas apregoadas pelo positivismo nos abandonaram e, dentro de uma enorme crise, somos evocados a ampliar o nosso olhar como condição de sobrevivência, e a mudar nossa forma de fazer ciência, de conviver socialmente e de ver o próprio homem e sua relação com a natureza⁽¹⁻⁴⁾.

Trata-se de uma transição paradigmática, na qual os aportes da ciência moderna mostram-se superados e, em resposta, vários paradigmas têm emergido desde a revolução ocorrida nas ciências naturais desencadeada pela física no século XX. Esta transição mostra-se sem precedentes, devido ao ritmo alucinante que as mudanças assumem no nosso século e ao alcance da sua repercussão, dada a globalização⁽⁴⁻⁵⁾.

O estudo acerca dos paradigmas emergentes permite-nos compreender melhor o momento atual, nossas relações sociais, o nosso fazer profissional, assim como os caminhos adotados pela ciência, economia, política, educação, dentre outras áreas. Pretende-se analisar as propostas de inovação dos paradigmas científicos e da prática face à crise paradigmática existente na ordem mundial, conforme defendem Capra⁽¹⁾ e Santos⁽⁴⁾.

A enfermagem não pode ficar omissa nesta discussão, especialmente porque esta vem conquistando o seu devido espaço nas discussões acadêmicas no campo da epistemologia, produzindo conhecimento científico e inaugurando um corpus próprio na área. Apesar de ser pouco discutida fora da academia, a temática vem recebendo atenção especial de enfermeiros pesquisadores em várias publicações⁽⁶⁻¹⁰⁾, entendendo-se isto como um crescimento respaldado no “ser-saber-fazer” do dia-a-dia profissional, tendo em vista que tais tendências paradigmáticas sugerem uma nova lógica de cuidar⁽¹⁰⁾.

O físico Thomas Kuhn⁽¹¹⁾ foi pioneiro na história e filosofia das ciências a criar a temática do paradigma, enunciada na obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”, consagrando o termo na epistemologia e ampliando-o para diversas áreas do conhecimento. Entretanto, tal fato lhe rendeu muitas críticas à época pela polissemia exercida sobre o termo, gerando incongruências no entendimento.

Paradigma significa toda a constelação de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma mesma comunidade científica. O paradigma governa em primeiro lugar, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência⁽¹¹⁾. Dessa forma, a maneira pela qual um cientista vê um aspecto específico de seu mundo será orientada pelo paradigma em que está trabalhando, consubstanciando-se em critério de julgamento da verdade e da realidade.

São reconhecidos dois usos distintos do termo paradigma: um mais global, como constelação dos compromissos do grupo científico; e outro mais específico e prático, como matriz disciplinar, estrutura partilhada pelos praticantes de uma mesma disciplina composto de generalizações simbólicas, crença em modelos, valores e exemplos amplamente compartilhados⁽¹²⁾.

Neste ensaio desenvolvemos a discussão tendo por base a concepção de matriz disciplinar, por considerá-la mais relacionada às práticas profissionais, tendo em vista que estas muitas vezes não conseguem identificar-se ou organizar-se num grupo científico específico, mas quando analisadas quanto ao seu fazer e sua produção intelectual, possibilita a identificação de modelos, crenças e exemplos comuns, como o modelo biomédico e da humanização na área da saúde.

TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA: DO PARADIGMA DOMINANTE AOS PARADIGMAS EMERGENTES

A transição paradigmática vivenciada é fruto da revolução científica iniciada pela física no século XX e pela crítica à ciência após a Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma crise de verdade e compreensão da realidade, que gera um descontentamento quanto às concepções e aos métodos existentes de olhar o mundo e de fazer sentido nele, processo esse que dá origem a outras idéias e perspectivas em substituição.

As revoluções científicas são episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior no meio científico⁽¹¹⁾. Portanto, a ciência não caminha numa via linear contínua e progressiva, mas por saltos ou revoluções⁽¹³⁾.

Novos paradigmas surgem a partir de revoluções científicas, onde crises são geradas e aprofundadas, sendo o novo paradigma diferente do antigo e incompatível com ele. Entretanto, não há superioridade de um sobre outro, mas a construção e evolução de um paradigma mais explicativo para os problemas daquele momento histórico⁽¹¹⁾.

Quando analisamos as mudanças científicas, é importante superar a superficialidade da visão de evolução e progresso como algo linear no tempo e da superação do presente em relação ao passado, pois as teorias científicas são descontínuas e possuem diferença temporal na filosofia das ciências⁽¹³⁾. Logo, a produção científica permeada por um determinado paradigma num momento histórico não pode ser julgada com base em critério de valor ou de desenvolvimento.

Com isto queremos reforçar que nossa abordagem acerca da transição paradigmática não almeja o exercício do juízo de valor, mas apenas demonstra que o paradigma dominante não tem atendido às demandas de produção do conhecimento em resposta aos problemas da nova ordem mundial.

AS BASES DA CRISE PARADIGMÁTICA

Discutir a crise impõe a necessidade de compreender aquilo que está sendo contestado,

para dar significado ao novo que surge. O modelo atual de paradigma dominante vem da revolução científica do século XVI com as ciências naturais, baseado no positivismo e modelo cartesiano, que a partir do século XIX se estende às ciências ditas sociais⁽⁴⁾.

O positivismo é o paradigma da ciência moderna, suas bases foram sendo estabelecidas desde o Renascimento, mas é no Iluminismo que este encontra sua principal raiz histórica⁽⁴⁾. O Renascimento (séculos XV e XVI) foi marcado pelo humanismo e empirismo, ou seja, pela valorização da observação e da experimentação de forma sistemática na investigação da natureza; o Iluminismo (estabelecido pela Revolução Francesa no século XVIII) teve como marca a evocação da necessidade de unir razão e conhecimento, permitindo o surgimento de uma humanidade iluminada⁽¹³⁾.

A modernidade científica teve seus primórdios quando Nicolau Copérnico derrubou a tese geocêntrica Ptolomaica, reafirmada por Galileu Galilei (1564-1642) que se apoiou nos conhecimentos da matemática e da geometria para apreensão da natureza. Francis Bacon (1561-1626) introduziu o método empírico e René Descartes (1596-1650) fez o mundo conhecer o pensamento racional ou paradigma cartesiano, a partir do qual a ciência só poderia ser entendida e desenvolvida pela divisão do todo em partes, de forma mecanicista; e Isaac Newton (1642-1727) ampliou o paradigma cartesiano ao formular a lei universal da gravidade⁽⁶⁾.

O positivismo consolidou-se a partir do projeto de ciência moderna centrada na busca da verdade, das leis universais que regem o mundo, de forma a permitir a previsão dos fenômenos e o domínio da natureza, oferecendo o ideal de segurança ao homem moderno contra os infortúnios da natureza. Neste sentido, críticas são lançadas quanto ao uso da natureza, afirmando que o desenvolvimento tecnológico separou-nos da natureza, e que a exploração da natureza tinha sido o veículo de exploração do homem⁽⁴⁾.

O paradigma positivista tem como marcas: a racionalidade; o reducionismo (paradigma da simplificação); o mecanicismo; a dissociação entre sujeito/objeto, teoria/prática, corpo/mente; a valorização daquilo que é

quantificável como cientificamente viável, utilizando a matemática como instrumento de validação do conhecimento; crença na descoberta de leis universais generalizáveis para o funcionamento do mundo; rigor metodológico, neutralidade e objetividade do pesquisador^(4,14).

Entretanto, esse paradigma compreende certo número de idéias e valores que diferem nitidamente dos da Idade Média, pois estiveram associados a várias correntes da cultura ocidental, entre eles a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial. Incluem a crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; a concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença do progresso material ilimitado, a ser alcançado por meio do crescimento econômico e tecnológico⁽¹⁾.

Paulatinamente, evidencia-se que a ciência positivista não foi capaz de trazer o bem-estar prometido e que o progresso científico se transformaria em acesso e disputa pelo poder, utilizado de variadas maneiras pela hegemonia capitalista neoliberal e política.

Os avanços na tecnologia, medicina, economia, entre outros aumentaram o abismo social, degradaram o meio ambiente, geraram milhares de mortes com as guerras e a violência, fizeram persistir antigos problemas humanos como a fome e as doenças relacionadas à pobreza, o aumento dos transtornos mentais relacionadas ao consumismo, ao individualismo e à desestruturação das relações sociais. Afirma-se, ainda, que as duas últimas décadas do século XX vêm registrando um estado de profunda crise mundial, que é complexa e multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida, sendo reflexos diferentes de uma só crise⁽¹⁾.

No início do século XX esta visão de mundo solidamente construída foi desestruturada por meio dos estudos do físico Albert Einstein, com a teoria da relatividade, e Max Planck, com a teoria quântica. Tais descobertas impulsionaram a renúncia ao conceito de matéria como algo tangível,

passando a ser vista como algo fluido e relativo. Estimularam também, a contestação de todas as certezas das noções de tempo e espaço newtonianas, que passam a ser meras ilusões⁽⁶⁾.

Após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial e os horrores de Auschwitz e Hiroshima, a ciência passou a ser alvo de duras críticas quanto aos custos humanos e naturais do desenvolvimento tecnológico. Neste período, a pactuação de alianças com políticos e militares evidenciou o desvirtuamento dos cientistas do ideal científico de contribuir para a felicidade humana, para o bem geral da sociedade. Nesse sentindo, a visão da ciência como conhecimento socialmente desenraizado, e a do cientista como sujeito onisciente, perdera seus fundamentos⁽¹⁵⁾.

Os anos da década de 1960 foram férteis em revoluções, em movimentos de contracultura intensificados nos anos de 70, e vários movimentos sociais surgiram, tais como: o feminista, o ecológico, o étnico, o potencial humano, a saúde holística, o antinuclear, a valorização da pequena empresa⁽¹⁾.

No decorrer dos anos de 1970 são introduzidas na física, matemática, biologia e ecologia as noções de caos e sistemas dinâmicos instáveis, processos de não-equilíbrio, auto-organização e estruturas dissipativas. A partir de então, surge o termo pós-modernidade, como um movimento de reação cultural, representando ampla perda de confiança no potencial universal do projeto iluminista, havendo um desencantamento cultural⁽¹⁶⁾.

Percebe-se, conforme o exposto, que tais movimentos de transformação, ocorridos na esfera social, científica e cultural, fizeram emergir a discussão epistemológica, desencadeando o surgimento de novos paradigmas. Naquele momento, instalava-se um clima efervescente de idéias e principalmente de incertezas, que permitiram eclodir uma revolução científica proposta⁽¹¹⁾.

Nesta perspectiva de desencantamento, critica-se⁽⁴⁾ o papel de todo conhecimento científico acumulado ao longo de séculos no enriquecimento ou empobrecimento de nossas vidas, de nossa felicidade; idéia corroborada por outros autores^(1,14) quando mencionam os

efeitos destrutivos da ação humana através da ciência sobre a natureza.

O questionamento da ciência moderna é fruto de fatores teóricos e sociais, assim como do próprio avanço científico, que gerou as bases para o questionamento de sua própria ação e das insuficiências estruturais do paradigma dominante⁽⁴⁾. A excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico fizeram do cientista um ignorante especializado^(1-2,4).

Neste sentido, hoje os especialistas admitem não terem soluções para os problemas mais urgentes da sua área de atuação⁽¹⁾, constatados nos efeitos negativos da globalização sobre os países emergentes, quanto ao aumento das desigualdades sociais e dificuldades no exercício da cidadania.

Fica demonstrado que o objeto de conhecimento da ciência é complexo, e não pode ser mais reduzido em partes para conhecê-lo, noção esta disseminada para várias áreas da ciência. Logo, o paradigma dominante começa a ser questionado em seus valores, crenças, técnicas e exemplos amplamente compartilhados pela comunidade científica, pois nem sempre explicam o que está sendo estudado, nem geram os resultados esperados. Instala-se, dessa maneira, uma crise paradigmática do pensar ontológico e de ruptura epistemológica⁽¹³⁾, na qual os cientistas começam a abandonar o paradigma anterior e passam a buscar outras formas de conhecimento.

É, sobretudo, nos períodos de crises reconhecidas que os cientistas se voltam para a análise filosófica como um meio de resolver problemas ou dificuldades de sua área de estudos, e decidir rejeitar um paradigma é sempre aceitar um outro, e esta rejeição significará negar a própria ciência. A emergência de novas teorias é geralmente precedida por um período de insegurança profissional pronunciada, pois exige a destruição em larga escala de paradigmas e grandes alterações nos problemas e técnicas da ciência normal⁽¹¹⁾.

Um período de vacância na transição paradigmática é inaugurado, gerando incertezas do ainda não francamente conhecido e abandono das antigas noções de verdade, realidade, sujeito, legitimidade⁽⁶⁾. Em seus

estudos na década de 1970 sobre as transformações ocorridas na Física, afirmou^(1,14) que “vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece. Precisamos, pois, de um novo paradigma”.

A partir do descontentamento generalizado dos vários cientistas, especialmente filósofos e cientistas sociais, o debate crítico gerado em torno do paradigma positivista aumenta, sendo visto não mais como modelo único ou superior de cientificidade, fazendo despertar vários adeptos em outras áreas do conhecimento.

O ponto de partida dos novos paradigmas se dá com a nova interpretação da ciência moderna que inclui sua contextualização histórica, combinando novos conceitos e teorias científicas a saberes resgatados do passado pré-científico ou de povos distantes da modernidade ocidental^(1,15).

Por isso, o paradigma emergente deve ser um paradigma social, um paradigma de conhecimento prudente para uma vida decente. O resgate evoca a combinação entre senso comum e saber científico, a não distinção entre ciências sociais e naturais, e a superação do rigor quantificável e estratificante na visão cartesiana/positivista, por meio de mediações sociais ancoradas na subjetividade humana, já que todo conhecimento científico é socialmente construído⁽⁴⁾.

O conhecimento científico deixa de ser considerado como simples expressão do caráter efetivo do mundo, refletindo simultaneamente as relações sociais, sistemas de crenças e valores das comunidades científicas. Outras formas de pesquisas passam a ser mais valorizadas, dentre elas as pesquisas qualitativas, na qual a realidade estudada passa a ser considerada como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico, experienciado e descrito por um pesquisador a partir de seu ato de observar o mundo⁽⁵⁾.

PARADIGMAS EMERGENTES NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A gravidade e a extensão global de nossa crise indicam que essa mudança de paradigma é susceptível de resultar numa transformação de dimensões sem precedentes, um momento decisivo para o mundo⁽¹⁾. Expressões dessa nova perspectiva são encontradas nas formulações de vários estudiosos, havendo fortes e grandes inter-relações. Assim, vejamos: pensamento complexo⁽¹⁴⁾; Cuidado - Ethos do Mundo⁽²⁾; Holismo e Teoria dos Sistemas⁽¹⁾; Conhecimento prudente para uma vida decente, com base na integração entre ciência sociais e naturais, e criação de um novo senso comum⁽⁴⁾.

A proposta emergente é somar, ao rigor científico, a crítica, a dúvida epistemológica, a complexidade dos fenômenos, a interferência do sujeito nos fenômenos investigados, a interdisciplinaridade do conhecimento, afirmando-se como metodologias problematizantes de resolução de problemas^(12,17).

Essa nova visão de mundo incluiria a emergente visão sistêmica de vida, mente, consciência e evolução; a abordagem holística de saúde e cura; a integração dos enfoques psicológicos e psicoterapêuticos do ocidente e oriente; as práticas e saberes das tradições orientais; a cultura popular e o senso comum; a perspectiva ecológica e feminista^(1,15).

Na verdade, há uma valorização da complexidade dos fenômenos. Tal complexidade significa⁽¹⁶⁾ "o que foi tecido junto; ou seja, elementos diferentes como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico são inseparáveis constitutivos do todo e há ainda um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto do conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, as partes entre si". Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

O método da complexidade defendido explicita que devemos pensar sobre os conceitos sem tentar concluí-los, restabelecer as articulações, tentar compreender a multidimensionalidade, pensar na singularidade com a localidade e a temporalidade, sem nunca esquecer as totalidades integradoras⁽¹⁴⁾.

O paradigma emergente não é apenas científico, mas também social. A ciência pautada por este paradigma terá como foco de atuação a humanidade a partir da fusão entre ciências sociais e naturais, sob a égide daquela; trabalhar todo o conhecimento de forma interdisciplinar e global, de maneira que o conhecimento seja local e total; considerar todo conhecimento como autoconhecimento, tendo em vista haver uma relação intrínseca entre sujeito e objeto, constituindo um *continuum* entre ambos, logo conhecer o objeto permite o autoconhecimento; reabilitar o senso comum fazendo com que dialogue com o conhecimento científico, de forma a criar uma nova racionalidade⁽⁴⁾.

De uma forma geral, o paradigma emergente incorpora a complexidade, a racionalidade numa perspectiva plural, resgatando um discurso mais literário articulado ao pensamento analógico. Trata-se de um paradigma planetário que deve ser resgatado o sentido do cuidado numa perspectiva ampla e numa abordagem ética, de defesa do humano e sua morada, o planeta terra, apontando-se caminhos de cura e de resgate da essência humana⁽²⁾. Mais que isso, seria um paradigma da convivência para fundar uma relação saudável para com a Terra e inaugurar um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e preservação de tudo que existe e vive na natureza, inclusive o próprio homem.

É impossível visualizar projetos concretos de investigação que correspondam inteiramente ao paradigma emergente, já que estamos em transição. Entretanto, já é possível visualizar algumas influências destes novos paradigmas em várias áreas⁽⁴⁾.

Na ciência, inicia-se uma ampla discussão acerca de seus métodos e técnicas, assim como a implicação social, natural e ética dos seus resultados, aliado ao surgimento de novas ciências sistêmicas, como a ecologia, ciências da terra e a cosmologia⁽¹⁴⁾.

Na educação, há uma ampla discussão em defesa da educação reflexiva e para a cidadania, surgindo questionamentos sobre a união entre ensino e pesquisa, perfil profissional que se deseja formar, importância da atuação docente de forma ética e social, superação do tecnicismo e fragmentação entre teoria e

prática, a democratização do ensino e a valorização do papel ativo do educando neste processo⁽¹⁷⁻¹⁸⁾.

Na conjuntura social, existem os movimentos de contracultura desde a década de 60 do século XX, anteriormente citados⁽¹⁾, que atualmente tendem a unir forças. Para isto, é necessário superar a cultura da despolitização presente com grande força na política realizada dentro da economia neoliberal e fortalecer outros movimentos sociais de luta, como os de luta pela terra e as organizações não-governamentais.

Na saúde, há uma forte luta pela humanização e integralidade do cuidado, havendo uma ressignificação da atenção primária à saúde, sem desconsiderar os cuidados na atenção secundária e terciária. Neste cenário, são necessários novos modelos conceituais, como também a criação de novas instituições e a implementação de uma nova política⁽¹⁾.

No Brasil, desde o final da década de 1980 vivenciamos a construção de um sistema de saúde com base na universalidade, integralidade, descentralização e participação da comunidade, o Sistema Único de Saúde (SUS), criado pela Constituição de 1988, regulamentado pelas leis 8.080/90 e 8.142/90. Sua base conceitual e filosófica surge no movimento da Reforma Sanitária, tendo como marco a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986.

O SUS é um processo social em construção coletiva e tem como maior conquista a retirada da indigência e da margem do sistema, milhões de brasileiros despossuídos, que agora adquiriram o direito à saúde, antes negado no Modelo Médico-Assistencial Privatista, organizado pelo antigo Sistema de Previdência Social. Para que o SUS se efetive é necessária uma profunda reforma do Estado e um avanço no sentido da descentralização e do controle social⁽¹⁹⁾.

Parece ser neste ponto que a enfermagem, como também as demais profissões da saúde, necessita de maior engajamento, em defesa de uma discussão mais sólida permeada pelos pressupostos da Reforma Sanitária, numa perspectiva de rever em qual paradigma se situam os modelos atuais

de assistência à saúde e qual tem sido o nosso papel nesse processo, ação esta que prescinde da revisão/reorientação de nossa própria prática profissional.

Na enfermagem, esta busca parece apontar para uma relação de cuidado que envolva o respeito, a autonomia, a cumplicidade, a ética da estética, com elementos necessários à manutenção e renovação de cada pessoa em sua singularidade⁽¹⁰⁾.

Nesse sentido, a ação profissional dentro dos modelos de atenção à saúde a serem propostos, com seus fundamentos teóricos e epistemológicos, "devem respeitar cada realidade para que possam cumprir seu papel de atender às necessidades de saúde da população"⁽⁷⁾. Assim, vislumbra-se um cuidado de enfermagem integrado às contradições que conformam a sociedade atual e suas nuances pluralísticas, mas desenvolvido com sensibilidade ética e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos a complexidade do tema, ao mesmo tempo em que visualizamos a necessidade de uma discussão constante sobre a temática, objetivando possibilidades de maior aproximação, divulgação e entendimento. Entretanto, percebe-se que as propostas de inovação nos paradigmas científicos face à crise paradigmática atual têm uma posição epistemológica antipositivista, apontando para uma nova forma de fazer ciência pautada nas concepções de complexidade, holismo, interdisciplinaridade, conhecimento prudente e valorização das questões éticas, subjetivas e ecológicas.

Assim como os complexos problemas atuais são facetas de uma só crise, os paradigmas emergentes representam partes de um paradigma que surgirá com a premissa de reintegrar o homem à natureza e religar sujeito e objeto, corpo e mente, teoria e prática, ação e reflexão. Contudo, devemos entender que este novo paradigma pode não trazer as soluções que almejamos, ou mais ainda, abandonar a idéia de que as mudanças de paradigma levam a uma maior proximidade da verdade⁽¹¹⁾.

Algo imprescindível para nós enquanto profissionais de saúde e cidadãos é, após

realizar uma reflexão de tal natureza, desenvolvermos nossa consciência crítica e tomarmos um posicionamento em nossa ação social, profissional e científica em defesa de ações permeadas por esse novo paradigma, que na realidade ainda não sabemos qual será, tão apenas identificamos suas tendências e os sinais de mudança atuais.

As mudanças paradigmáticas no âmbito social sugerem novos conceitos, aportes teóricos e modos de pensar na saúde que contribuam para a construção da enfermagem como ciência, na medida em que este "saber" nos orientará para novas formas de organizar o "fazer" e definir o "ser" da enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Capra F. O ponto de mutação: ciência, sociedade e cultura emergente. São Paulo: Cultrix; 1996.
2. Boff L. Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 2000.
3. Leff E. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In: Philippi Jr A. Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais. São Paulo: Signus Editora; 2000. p. 19-51.
4. Santos BS. Um discurso sobre as ciências. 3ª edição. São Paulo: Cortez; 2005.
6. Ferreira RF, Calvoso GG, Gonzáles CBL. Caminhos da pesquisa e a contemporaneidade. Psicologia - reflexão e crítica. 2002;5(2):243-50.
7. Pereira WR, Bellato R. A crise de paradigmas e a enfermagem. Texto Contexto Enferm. 1997;6(3):113-30.
8. Teixeira ER, Tavares CMM. Reflexões sobre a crise do paradigma científico na enfermagem. Texto Contexto Enferm. 1997;6(3):271-90.
9. Sherer MDA, Marino SRA, Ramos FRS. Rupturas e resoluções no modelo de atenção à saúde: reflexões sobre a estratégia saúde da família com base nas categorias kuhnianas. Interface - Comunic, Saúde, Educ 2005;9(16):53-66.
10. Pai DD, Schrank G, Pedro ENR. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. Acta Paul Enferm. 2006;19(1):82-7.
11. Girondi JBR, Hames MLC. O cuidar institucional da enfermagem na lógica pós-modernidade. Acta Paul Enferm. 2007;20(3):368-72.
12. Kuhn T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 1970.
13. Jacobina RR. O paradigma da epistemologia histórica: a contribuição de Thomas Kuhn. Hist. Cienc. Saude-Manguinhos 2000;6(3):609-30.
14. Chauí MA. Convite à filosofia. 13ª edição. São Paulo: Ática; 2004.
15. Morin E. Ciência com consciência. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002.
16. Albuquerque LMB. Novos paradigmas, antigos saberes. Comunidade Virtual de Antropologia [Internet]. 2001 [cited 2006 mai 15];6(1):1-8. Available from: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a6-lalbuquerque.pdf>
17. Vasconcelos EM. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. São Paulo: Vozes; 2002.
18. Toralles-Pereira ML. Notas sobre educação na transição para um novo paradigma. Interface - Comunic, Saúde, Educ. 1997;1(1):51-68.
19. Gomes JB, Casagrande LD. A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica. Rev Latino-am Enfermagem. 2002;10(5):696-703.
20. Mendes EV. Uma agenda para a saúde. 2ª edição. São Paulo: HUCITEC; 1999.

Artigo recebido em 11.07.07

Aprovado para publicação em 30.09.08